



**cultura & informação**  
**A REVISTA DO SABIN**

3º trimestre letivo 2017 – ano XXIII – nº 68

# Quando uma festa é mais que uma festa

**Em uma escola, a sala de aula não é o único ambiente de ensino,** nem o aprendizado cessa quando toca o sino do intervalo. O compromisso com a formação dos alunos e com a promoção de valores humanistas deve permear as ações de todos que compõem a comunidade escolar, em todas as circunstâncias. Inclusive nos eventos festivos.

Como uma das responsáveis pela organização dos eventos que o Sabin promove ao longo do ano – celebrações de datas comemorativas, apresentações artísticas, festivais e torneios esportivos, entre outros –, quero ressaltar o caráter pedagógico que buscamos infundir em cada uma dessas ocasiões. No Sabin, nenhuma festa é só uma festa. É também uma oportunidade de apresentarmos um pouco do trabalho desenvolvido na escola, na demonstração de habilidades e conhecimentos diversos de nossos alunos – e, no processo, ensinar algo ao público de pais, alunos e convidados.

Em primeiro lugar, sempre que um de nossos eventos envolve algum tipo de apresentação artística, ele envolve, antes, uma pesquisa criativa por parte dos alunos, com orientação de professores, para inserir a festa em um contexto social e histórico significativo.

Neste ano, por exemplo, tanto a Festa Junina como a abertura do FestSabin trouxeram cenografias, músicas, coreografias e figurinos inspirados na diversidade cultural do País. Os dois eventos remetiam à proposta da Unesco

de tomar 2017 como Ano Internacional do Turismo Sustentável, que tem no respeito à diversidade de povos e culturas um de seus pilares. Ou seja: mostramos um pouco do nosso trabalho educacional em várias frentes – da Educação Física, das Artes, da Dança, do Balé, do Coral, da Ginástica –, ao mesmo tempo que contribuimos para o enriquecimento cultural dos alunos e do público.

Aliás, é importante notar que prestigiar esses eventos já é, em si, um ato educativo, de formação de público. Ao assistir a peças de teatro, torneios de xadrez, palestras de convidados do Colégio ou mostras científicas, alunos e familiares exercitam atitudes que devem ter ao frequentarem teatros, museus, ginásios, palestras: respeitar artistas e suas obras, fazer silêncio (ou torcer respeitosamente, no caso de esportes), desligar celulares, aplaudir, etc.

E há um último aspecto pedagógico em cada evento realizado aqui. Falo da integração de famílias e escola, uma comunidade que compartilha e, assim, reforça e promove valores. Valores como o trabalho em equipe e a superação pessoal, presentes no esporte; como a solidariedade presente nas campanhas de doação de sangue e de roupas (Semana Sabin), de ovos de Páscoa (Xadrez de Chocolate) e de bens diversos para instituições beneficentes (Festa Junina); ou como o respeito à Ciência e ao conhecimento.

É por causa da grande adesão de pais, alunos e familiares aos nossos eventos que eles significam – e ensinam – tanto.



**Dionéia Menin**  
Coordenadora Pedagógica  
da Educação Infantil e  
do Ensino Fundamental I  
[dioneia@albertsabin.com.br](mailto:dioneia@albertsabin.com.br)



## A escola como base

Revista do Sabin,  
3º trimestre  
letivo 2017  
ano XXIII – nº 68  
**Na capa:**  
Rafael Silvestre  
Simões, aluno  
do maternal I do  
Colégio AB Sabin.

4+5



**+ Conversa Paralela**  
Criar filhos solidários é mais importante que superproteger

6+7



**+ Educação Infantil**  
Como os alunos da Educação Infantil são apresentados à língua inglesa

8+9



**+ Ed. Infantil e Fundamental I**  
Como as Funções Executivas influenciam o desenvolvimento

10+11



**+ Fundamental II e Médio**  
A Filosofia e a arte de questionar o senso comum

12+13+14



**+ Encantamento**  
Ex-alunos falam da influência do Sabin em suas vidas

15



**+ Diagrama**  
O Sabin em números

16



**+ Idiomas**  
O Espanhol como meio de enriquecimento cultural dos alunos

17



**+ Esportes & Cultura**  
O que o Judô ensina no tatame e na vida

18+19



**+ Livre Expressão**  
Alunos debatem as vantagens e os riscos de um mundo hiperconectado

20



**+ Criar Oportunidades**  
A creche Salvador Lo Turco e o que o Sabin faz para ajudá-la

## EXPEDIENTE

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin.

**Colégio Albert Sabin.** Av. Darcy Reis, 1.901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – [www.albertsabin.com.br](http://www.albertsabin.com.br) –  
**Colégio AB Sabin.** Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – [www.absabin.com.br](http://www.absabin.com.br) –  
**Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção pedagógica:** Giselle Magnossão (Albert Sabin), Mônica Mazzo (AB Sabin) **Direção administrativa:** Fernando A. Mello **Marketing:** Adriana Vaccari **Colaboradores:** Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer, Mônica Mazzo **Projeto e coordenação editorial:** Bandeira 2 Comunicação Ltda. **Jornalista responsável:** Alexandre Bandeira (MTB 49.431) **Designer:** Giovanna Angerami **Ilustradora convidada:** Karla Linck (págs. 10 e 11) **Fotografias:** Daniele Bertusso **Revisão:** Adriana Duarte, Denise Aparecida Masson **Produção gráfica:** Ricardo Gomes Moisés **Impressão:** Flor de Acácia – 5.000 exemplares. **Distribuição gratuita.** 3º trimestre letivo 2017.



**Lidia Aratangy**  
Psicóloga e terapeuta familiar

## A redescoberta da solidariedade

ÀS VEZES, UMA ENTREVISTA FOGE DO PREVISTO E TOMA UM RUMO INTERESSANTE. HÁ CERCA DE UM MÊS, A *REVISTA DO SABIN* PEDIU À PSICÓLOGA E TERAPEUTA FAMILIAR **LIDIA ARATANGY** QUE COMENTASSE UM TEMA QUE VEM PREOCUPANDO PAIS E EDUCADORES: A SUPERPROTEÇÃO DOS FILHOS E SEUS EFEITOS NA VIDA ADULTA. A JULGAR POR REPORTAGENS, ENTREVISTAS E LIVROS SOBRE O ASSUNTO – NÃO RARO TRAZENDO CONCEITOS COMO “HIPERPATERNIDADE” OU “PAIS-HELICÓPTERO” (ASSIM CHAMADOS POR “SOBREVOAREM” A VIDA DOS FILHOS A TODO MOMENTO, CONTROLANDO TUDO O QUE ELES FAZEM) –, O EXCESSO DE ZELO DA ATUAL GERAÇÃO DE PAIS ESTARIA GERANDO ADULTOS INCAPAZES DE ASSUMIR RESPONSABILIDADES, DE LIDAR COM FRUSTRAÇÕES E ATÉ DE INGRESSAR NO MERCADO DE TRABALHO (“PAIS-HELICÓPTERO ESTÃO CRIANDO FILHOS INEMPREGÁVEIS”, AFIRMOU A PSQUIATRA CANADENSE MARCIA SIROTA, EM ARTIGO REPUBLICADO NO BRASIL). MAS LIDIA ARATANGY PREFERE VER A QUESTÃO SOB OUTRA PERSPECTIVA. ANTES DE CONDENAR O PAI QUE NÃO DEIXA O FILHO CORRER RISCOS E ENFRENTAR OBSTÁCULOS, ELA QUESTIONA SE A VIDA MODERNA NÃO ESTARIA, DE FATO, OFERECENDO RISCOS E OBSTÁCULOS DEMAIS. E, EMBORA RECONHEÇA QUE A SUPERPROTEÇÃO TRAZ EFEITOS NEGATIVOS, ELA PREFERE OLHAR NUMA DIREÇÃO MAIS POSITIVA, EM QUE FAMÍLIA E ESCOLA ASSUMIRÃO JUNTAS NÃO A CULPA, MAS A RESPONSABILIDADE PELAS PRÓXIMAS GERAÇÕES.

**Para alguns especialistas, estaríamos vivendo uma espécie de “epidemia” de pais superprotetores dos filhos. Você concorda com essa ideia?**

Precisamos distinguir entre tipos de superproteção. Acho que existe uma epidemia, sim, mas de insegurança.

Hoje, é muito difícil traçar uma linha divisória entre aquilo que é proteção, cuidado, e o que é superproteção. Houve um tempo em que essa linha era mais nítida. Você, então, percebia que havia pais neuróticos, meio paranoicos até. Mas, hoje, não dá para chamar de para-

noia o que realmente é uma ansiedade com justificativa no real. Se é desse tipo de superproteção que estamos falando – de querer levar e buscar na festa, de querer saber onde está, de querer saber a que horas sai –, fica difícil acusar os pais de superprotetores. A vida, de fato, está assustadora. Agora, se estamos falando daquele outro lado, de querer controlar o namoro, de querer controlar com quem anda, etc., aí, sim, podemos falar de certo exagero.

**E quanto aos pais que querem evitar a todo custo que seus filhos sofram frustrações?**

Existe isso, sim. E não sei onde se inventou que frustração é desvio de rota. A frustração é parte da bagagem humana. A vida frustra. Os pais podem se esforçar ao máximo para dar aquela viagem, comprar aquele brinquedo, dar aquele tênis da moda, mas, dali a pouco, o garoto estará sofrendo porque a menina disse não, porque não quer saber dele. E aí os pais não podem fazer nada. A vida coloca frustrações contra as quais os pais não têm poder nenhum, nenhum! A criança criada na fantasia de que a frustração é uma coisa evitável vai ter dificuldade de tolerar algo que é natural da vida. Então, eu diria aos pais o seguinte: a tentativa de evitar a frustração dos filhos é, em primeiro lugar, inútil; depois, perniciososa.

**Perniciosa porque os pais estariam criando pessoas despreparadas para a vida adulta?**

Certamente, mas é preciso relativizar a responsabilidade dos pais. Existe hoje uma dificuldade em sair da adolescência e entrar na vida adulta. A adolescência vem se esparramando. Duas gerações atrás, a adolescência era uma fase de desenvolvimento que ia dos 13, 14 anos até os 16, 17 anos, e, depois, não tinha conversa: a gente ficava adulto. De repente, a adolescência começou a acuar a infância para um canto cada vez mais remoto – uma criatura de 9 anos já é púbere, pré-adolescente – e a se estender até os 35 anos, talvez. Quero dizer: por um lado, está mais complicado sair de casa, porque a vida está mais difícil mesmo; por outro, está mais fácil permanecer na casa dos pais. Os motivos para sair de casa que outras gerações tinham – ter uma vida mais livre com o namorado ou a namorada, ter um espaço só seu –, agora, são possíveis na casa dos pais. Então, os jovens estão mais refratários a enfrentar a vida adulta. Não só por conta das frustra-

ções de que foram poupados – se é que foram –, mas porque está mais fácil ficar.

**Queixa recorrente nas empresas é que os jovens, em geral, têm dificuldade de enfrentar responsabilidades e a competição do mercado de trabalho, porque foram superprotegidos. Você concorda com essa avaliação?**

Em certa medida, todas as gerações enfrentam essa dificuldade. É sempre um choque entrar no universo competitivo do trabalho. Por isso, é preciso certo cuidado com essa visão. Na minha opinião, a grande batalha que vivemos hoje é entre competição e solidariedade. E, nesse sentido, muitas escolas estão cometendo um grande equívoco ao valorizar a competição.

**Como assim?**

A nossa espécie conseguiu chegar até aqui do jeito que é. Quero dizer, não temos chifres, garras, um maxilar poderoso, não temos a força de um urso, não somos velozes... Só chegamos até aqui porque, em algum momento, conseguimos superar a violência, a agressividade, para descobrir a solidariedade e passarmos a viver em grupo. Então, ousar dizer que o que salvou a espécie humana foi a solidariedade. E ousar dizer que o que talvez venha nos salvar do caos atual seja a redescoberta da solidariedade. A saída não é criar filhos competitivos para que sobrevivam à selva de pedra, mas gente que seja capaz de transformar a selva de pedra. E isso podemos conseguir com uma aliança entre escola e família. É por aí que vamos mudar o mundo. Quando se fala em superproteção, a gente logo pensa nos pais. Mas as escolas têm papel fundamental nessa questão.

**Você enxerga essa preocupação nas escolas?**

Minha impressão é que algumas escolas já estão se movimentando nessa direção de formação de equipes, de alimentar a solidariedade e a empatia. A empatia é a matéria-prima da solidariedade. Eu diria que os pais devem criar filhos solidários, e as escolas devem alimentar esse caminho. Vamos esquecer essa história de quem é a culpa. Vamos pelo lado da responsabilidade. Ao contrário da culpa, a descoberta da responsabilidade dá poder. A família, a escola, a sociedade, as três têm responsabilidade. Que cada uma faça a sua parte para formarmos pessoas solidárias.

# Na melhor hora, da melhor forma

Aprender Inglês na Educação Infantil é aproveitar ao máximo o potencial da criança de assimilar uma segunda língua.

## A aula da professora Marion Celli começa assim que ela entra em sala.

“*Good morning, class! How are you today?*” É provável que alguns alunos ainda não entendam tudo o que ela diz – são crianças de 4 a 5 anos, alunos do Pré I do Colégio AB Sabin –, mas Marion seguirá falando em inglês com eles durante toda a aula. Ela garante que eles não são muito novos para acompanhá-la. Pelo contrário: em vários aspectos, segundo a professora, eles têm a idade ideal.

Tanto o Sabin como o AB Sabin adotam, nas aulas de Inglês, a estratégia de uso pleno da língua inglesa pelas professoras desde os primeiros anos da Educação Infantil. Falar em português, diz Marion, só o estritamente necessário, quando a comunicação não se estabeleceu na língua inglesa. No resto do tempo, porém, *English only*. Há motivos para isso.

“Crianças de 0 a 6 anos têm acuidade auditiva para perceber, melhor do que adultos, os contrastes fonéticos e as nuances de uma língua”, diz a professora. Além disso, nos primeiros anos de vida, a criança ainda apresenta uma plasticidade cerebral que, com os estímulos adequados, possibilita modificações fisiológicas, inclusive no aparelho fonador em formação. Em outras palavras, além de “ouvir melhor”, a criança é capaz de “falar melhor” os sons de um novo idioma.

“A criança tem facilidade para aprender qualquer som”, concorda Renata Cunha, assessora de Inglês da Educação Infantil e do Fundamental I do Sabin. Segundo Renata, quem pratica desde cedo o fonema TH de palavras como *think* e *thank*, ou o ING do gerúndio inglês (*speaking, walking*), por exemplo, provavelmente terá pronúncia mais pura do que alguém que começou a aprender mais tarde. “Esses tendem a pronunciar aqueles sons como S – *sink, sank* – ou F – *fink, fank* –, e o gerúndio como ‘ingue’”, diz a assessora.

O contato tardio com o Inglês, por outro lado, costuma sofrer interferências da língua materna, cujas estruturas linguísticas já estarão solidificadas no aluno, dificultando o processo de aprendizagem. Além do mais, crianças mais novas costumam ser abertas a novas experiências, demonstrando um grau de participação nas aulas que, mais tarde, por inibição ou ansiedade, talvez não seja possível.

É a partir da Educação Infantil, portanto, que se dá o aproveitamento máximo desse potencial das crianças de assimilar uma segunda língua – sem prejuízo para o aprendizado da língua materna e, até mesmo, contribuindo com ele, afirma Marion. No entanto, a professora faz uma ressalva: “Não basta ensinar desde cedo; as condições têm de

ser adequadas”. E a primeira condição que ela aponta como essencial é: aprender Inglês tem de ser prazeroso.

## “O principal objetivo do Inglês na Educação Infantil é promover, de forma lúdica e espontânea, a exposição das crianças ao idioma”, diz a professora.

Exposição é palavra-chave aqui e justifica a estratégia de só falar em inglês com os alunos: quanto mais eles ouvem, mais se apropriam das sonoridades e estruturas da nova língua. Mas a ludicidade e a espontaneidade são tão importantes quanto a quantidade do que é exposto. “É preciso cativar os alunos. Por isso as aulas são planejadas em torno de brincadeiras, jogos, músicas, vídeos, contação de histórias”. Ao criar um ambiente em que os alunos gostem de estar, diz Marion, o aprendizado passa a fazer sentido para eles. Para entrar na roda, para cantar a música, para participar do jogo, é preciso interagir em inglês.

Segundo Renata Cunha, “o objetivo primeiro é acostumar o aluno com a língua e com a ideia de que existe essa outra maneira de se expressar e de descobrir o mundo; a sistematização do conhecimento linguístico só ocorre do 2º ano em diante”. Assim, diz ela, o foco inicial do projeto pedagógico é a oralidade (falar e ouvir), com pouco contato dos alunos com o inglês escrito – numa aula sobre cores, por exemplo, as cartelas da professora não precisam ter as palavras *BLUE, RED* e *YELLOW*. “No livro didático mesmo, você tem histórias em quadrinhos inteiras sem diálogo”.

Tampouco é hora de se falar em conceitos e regras gramaticais, embora, como nota a assessora, ao fim da Educação Infantil, algumas crianças já tenham assimilado naturalmente certas regularidades do novo sistema linguístico, como o fato de que o adjetivo vem antes do substantivo (*brown horse*). Ou o de que algumas estruturas frasais são mais adequadas do que outras para cada tipo de mensagem. “O aluno já chega ao 2º ano capaz de perceber a diferença entre *‘IT IS A horse’, ‘IT IS brown’* e *‘IT HAS four legs’*”, diz Renata.

Também não é preciso, nesse primeiro momento, que os alunos entendam absolutamente tudo o que a professora diz ou apresenta para que a aula seja produtiva. “As crianças são capazes de descobrir o sentido de muita coisa pelo contexto”, diz Marion, ressaltando a importância da teatralidade – gestos e expressões dramáticas, mímicas, vozes diferentes – como recurso para auxiliar a compreensão dos alunos. “Isso ajuda os alunos a inferir o significado do que está sendo dito”.

Tais processos de reflexão metalinguística (as conclusões sobre as regularidades do idioma, citadas por Renata) e de inferência de significado são procedimentos cognitivos de grande valia – e não apenas para o aprendizado do Inglês. Como coloca Marion, “o projeto pedagógico visa ir além de ensinar Inglês; nós ensinamos *em inglês*, usando o idioma para apresentar diversos conteúdos, ampliar o repertório cultural dos alunos, incentivá-los a lidar com novas realidades e promover habilidades sociais e comunicativas”.



Nas aulas da professora Marion, entrar na roda e brincar com cores e formas torna o contato com o Inglês mais divertido – e significativo – para o Pré I do AB Sabin.



# Como a vida funciona

O que são Funções Executivas, cujo desenvolvimento começa desde o nascimento e influencia diretamente o potencial cognitivo e socioemocional de uma pessoa.

**Elas estão presentes em quase todas as atividades do dia a dia, desde os primeiros anos de vida.** Quando uma criança aprende a contar de um a dez, quando brinca de “estátua”, quando participa de uma canção de roda junto aos colegas – mesmo quando parece não estar fazendo nada além de ouvir a professora contar uma história, ela está exercitando habilidades fundamentais, que aplicará ao longo de toda a vida, de forma cada vez mais sofisticada. São as chamadas Funções Executivas.

O termo refere-se ao conjunto de processos cognitivos e metacognitivos que permitem ao indivíduo ter controle, consciente e deliberado, sobre suas ações, pensamentos e emoções. A maioria das pessoas realiza tais processos quase sem se dar conta. Somos capazes de pensar antes de agir, planejando e executando ações das mais corriqueiras, como amarrar os sapatos, às mais complexas, como dirigir um veículo. Podemos focar nossa atenção em uma tarefa, filtrando possíveis distrações, assim como podemos executar mais de uma tarefa simultaneamente. A todo momento, recebemos novas informações e estímulos do mundo, armazenando-os, processando-os ou descartando-os de acordo com nossos interesses e objetivos imediatos. Na maior parte do tempo, sabemos controlar nossos impulsos e adequar nosso comportamento a diferentes circunstâncias.

Que tais habilidades afluam e tenham seu período sensível de desenvolvimento entre 0 e 6 anos de idade é o que torna o ambiente pré-escolar tão crítico para a formação integral do indivíduo.

“Os estudos recentes sobre as Funções Executivas recomendam aproveitar a plasticidade cerebral característica da primeira infância”, diz a diretora do Colégio AB Sabin, Mônica Mazzo, referindo-se ao fato de que essas habilidades estão diretamente ligadas a regiões do cérebro – especialmente, o córtex pré-frontal – cuja arquitetura bá-

sica é construída nessa fase da vida, a depender dos estímulos recebidos. “Quanto mais exercitarmos as Funções Executivas na Educação Infantil”, diz Mônica, “mais elas sairão fortalecidas, servindo de base para o desenvolvimento de processos cognitivos e socioemocionais mais complexos nos anos seguintes”.

Como explica a diretora, o que hoje é a capacidade de contar, brincar ou ouvir uma história, amanhã será a capacidade de compreender textos, fazer cálculos, organizar-se por conta própria, definir prioridades, elaborar experimentos, solucionar problemas, corrigir erros, construir relações interpessoais saudáveis, manter o equilíbrio emocional, etc. E é fundamental que o educador dos anos iniciais tenha isso em mente, não apenas para promover um ambiente estimulante, mas para identificar cedo quaisquer sinais de problemas.

**Segundo os especialistas, as Funções Executivas se manifestam em três dimensões distintas,** mas interligadas. São elas: a memória de trabalho, o controle inibitório e a flexibilidade cognitiva.

Em linhas gerais, a memória de trabalho é a capacidade de reter informações (verbais e não verbais) e relacioná-las com outros conhecimentos prévios, durante o tempo necessário para a realização de uma ou mais atividades. Para compreender um texto, uma criança precisa ter em mente o que acabou de ler (ou o que a professora acabou de ler para ela). Para fazer duas coisas ao mesmo tempo – como pular corda e contar os saltos –, é preciso não esquecer nem de pular na hora certa, nem do ponto em que se está na sequência numérica.

O controle inibitório, por sua vez, diz respeito à capacidade de filtrar tudo o que não contribuir para os propósitos da atividade. Trata-se de ter controle sobre os próprios pensamentos e comportamento – por exemplo,



concentrando-se apenas em acompanhar a música na roda, ou permanecendo calado enquanto não for a sua vez de falar na aula – e também de conseguir conter as próprias emoções, como a impaciência, a excitação ou a frustração.

Já a flexibilidade cognitiva se refere à capacidade de se adaptar às circunstâncias, de “mudar de marcha” na forma de pensar ou de se comportar. É o que ocorre, por exemplo, quando uma criança aprende que as regras de conduta na biblioteca são diferentes das regras no pátio da escola, quando percebe que tem de falar em outro idioma com a professora de Inglês ou quando descobre que precisa rever sua estratégia para vencer um jogo.

De acordo com Mônica Mazzo, todo o planejamento pedagógico do AB Sabin e do Sabin contempla as três dimensões do funcionamento executivo, criando situações que promovem

as habilidades fundamentais. E, o que é essencial, a todo momento as professoras estão atentas a como cada criança responde aos estímulos para, ao sinal de dificuldades persistentes, disparar o alerta. “Se algo parece fora do eixo, passamos a observar o aluno mais de perto”, diz ela.

“A depender de cada caso, podemos conversar com a família e orientá-la na conduta, sugerindo intervenções necessárias ao desenvolvimento da criança”. Para a diretora, tais intervenções precoces podem evitar dificuldades maiores, já que a criança pode estagnar em seu desenvolvimento.

Na maioria dos casos, porém, Mônica garante que não se chega a tanto. “Temos o conhecimento, o olhar e os ambientes propícios para estimular as Funções Executivas e acolher, acompanhar e mediar nossos alunos nas múltiplas instâncias, formais e informais, do processo de aprendizagem”.

Algumas habilidades fundamentais que acompanham o crescimento de uma criança com bom funcionamento executivo:

## Memória de Trabalho

- Organizar ou recontar uma narrativa com a cronologia correta dos eventos;
- Seguir instruções de tarefas com uma ou mais etapas;
- Manter em mente informações recém-ouvidas ou lidas para aplicá-las a uma meta;
- Fazer cálculos matemáticos mentalmente.

## Controle Inibitório

- Esperar a vez de falar, sem interromper interlocutores;
- Pensar antes de falar ou agir, considerar alternativas e controlar impulsos;
- Manter a concentração e o foco em uma ou mais tarefas;
- Controlar a intensidade de emoções como raiva, tristeza ou frustração.

## Flexibilidade Cognitiva

- Lidar bem com mudanças de planos ou rotina;
- Resolver problemas com criatividade;
- Mudar de estratégias para resolver problemas;
- Ser capaz de se desapegar de detalhes e pensar no todo.

Fonte: Revista NeuroEducação, nº 9 (mar. 2017).



## Estranhar o normal, perseguir a verdade

Como as aulas de Filosofia reforçam o espírito questionador dos jovens em prol de valores humanistas.

**“O drama da internet”, afirmou o escritor italiano Umberto Eco**, “é que ela promoveu o idiota da aldeia a portador da verdade”. Em declaração dada alguns meses antes de morrer, Eco lamentou que as mídias sociais tivessem dado voz a “uma legião de imbecis”, que teriam ganhado o mesmo direito à palavra que um Prêmio Nobel. Ao que parece, nos últimos anos de sua vida, o autor de *O Nome da Rosa* não era dos mais confiantes na capacidade de reflexão e diálogo da humanidade.

Professor de História e Filosofia do Sabin, Sérgio Ricardo Andrielli mostra-se bem mais positivo. Não poderia ser diferente. Primeiro, porque ser professor já é, em si, uma afirmação de otimismo – só ensina quem acredita no potencial das próximas gerações. Depois, porque, como professor de Filosofia, um dos principais objetivos de Sérgio é

ensinar aos alunos como a palavra, o diálogo e a razão podem ser usados na busca pela verdade, pelo bem comum e por uma vida ética. Se não acreditasse que eles fossem capazes disso, Sérgio estaria fazendo alguma coisa de errado.

“Quando assumi a disciplina de Filosofia no Sabin, busquei imprimir um programa voltado para o estudo da Ética”, diz Sérgio. Como explica o professor, antes de ser um conjunto definitivo de regras de conduta – o que seriam o Certo e o Errado, o Bem e o Mal –, a Ética seria o campo de investigação filosófica dessas regras, que podem e devem ser questionadas. Trata-se de empreendimento racional, e a razão só admite como verdade aquilo que é discutido e questionado – até para que, após cuidadosa análise, seja possível reafirmá-lo como verdade.

Assim, nas aulas de Filosofia, Sérgio tem o papel de ajudar seus alunos a exercitar essa investigação – cultivando a dúvida, refletindo, dialogando e argumentando sobre diversos dilemas da atualidade –, tarefa para a qual, segundo ele, demonstram inclinação natural. “Eu os invejo. A geração deles não é a da afirmação, mas a do ponto de interrogação”, diz o professor.

**No Sabin, a disciplina de Filosofia é oferecida** na matriz curricular do 2º ao 7º ano do Ensino Fundamental e na matriz da 1ª à 3ª série do Ensino Médio. Sérgio é responsável pelas turmas de 6º e 7º anos e pelo Ensino Médio inteiro (até o 5º ano, a disciplina é dada pelas professoras regentes).

Segundo o professor, um dos primeiros objetivos é explicar para os alunos o que significa pensar filosoficamente, desfazendo a ideia de que a Filosofia é atividade exclusiva de grandes intelectuais, absortos em questões profundas, sem se preocupar com o cotidiano. “Filósofo gosta de pensar sobre tudo, inclusive sobre histórias em quadrinhos, filmes, coisas do dia a dia”, diz Sérgio. Pensar sobre qualquer coisa, porém, não significa pensar de qualquer jeito. Há método no filosofar, como o professor demonstra com um exemplo que não poderia ser mais banal.

“Em uma aula do 6º ano, eu falei para a classe: ‘Imaginem que estivéssemos debatendo se um desenho animado é bom ou não, e eu dissesse: eu gosto de leite com chocolate’”, conta. “Eles responderam: ‘Nada a ver, professor!’ Claro, porque eu havia desviado a conversa. Eu queria que percebessem como uma reflexão filosófica tem uma via certa a seguir; como existem argumentos pertinentes, que fazem avançar o pensamento, e outros, não”.

Se essa ideia parece simples, a próxima lição que Sérgio busca transmitir é um pouco mais refinada; tanto que será reforçada ao longo dos anos seguintes, até a conclusão do Ensino Médio. Trata-se da percepção de como nosso ponto de vista influencia opiniões que temos sobre o mundo.

“Nós exibimos o desenho animado *As Aventuras de Azur e Asmar*, do francês Michel Ocelot”, diz Sérgio. “A história começa na França, na Idade Média. Azur é filho de nobres; Asmar é filho da ama de leite do primeiro. Criados praticamente como irmãos, eles se separam, e, depois de adulto, Azur vai procurar Asmar no norte da África. Lá, ele descobre um mundo no qual *ele é o ‘estranho’*, com seu cabelo louro e olhos azuis, seus costumes e crenças diferentes”.

Tal descoberta é fundamental. Reconhecer que visões de mundo partem de um contexto – da época em que se vive, do local onde se nasce, da família da qual se faz parte, da religião em que se cre – é a chave para abrir o canal do diálogo filosófico, em que ambas as partes devem transcender e mesmo questionar seus valores e sua moral. O humanista Montaigne é o melhor exemplo disso; ao escrever sobre o canibalismo de índios brasileiros, no século XVI, questionava por que tal ato seria considerado bárbaro, enquanto queimar hereges na fogueira seria “normal”. “Ele ironizava dizendo que, pelo menos, os indígenas não desperdiçavam uma boa carne”, diverte-se Sérgio.

E é com essa capacidade de “estranhar o normal” que ele conta para motivar debates sobre temas diversos, da correção (ou não) de atos de justicamento à possibilidade de manipulação genética de bebês antes de nascer. “Na 3ª série do Médio, por exemplo, eu peço a eles que tentem debater a união homoafetiva sem usar razões de fundo moral ou religioso. É um exercício interessante”.

O objetivo dos debates, garante, não é chegar a respostas específicas, mas exercitar a argumentação. Metódica, racional, como propunham os humanistas. Que, como nota Sérgio, eram essencialmente otimistas em relação à humanidade. “Também sou otimista, e meus alunos estão sempre me dando motivos para isso, porque se mostram capazes de dialogar, de questionar, de pensar além do senso comum em nome de princípios éticos. Já tive alunos que formaram ONGs, outros que trabalham no Banco Mundial tentando quebrar patentes de remédios”, relata o professor. “Essa cultura de paz e de diálogo que noto no Sabin é algo que realmente me impressiona e me orgulha muito”.

# O primeiro capítulo

## Ex-alunos relembram os tempos de escola e falam da influência do Sabin em suas vidas.

### Letícia se lembra da tinta de jornal nos dedos.

Por orientação da professora de Redação, ela e seus colegas liam jornais com frequência – “ela incentivava a leitura, dizia que tínhamos de saber o que estava acontecendo”. Alguns reclamavam de sujar as mãos de tinta, mas Letícia não se importava.

Camila se lembra de ouvir da professora de Química, desde o ano em que se conheceram, o vaticínio certo: “Você vai ser química um dia”. Jason lembra quando foi chamado para assinar a primeira seção da revista da escola escrita por alunos, uma prévia do caminho profissional que

viria a seguir. André é amigo, até hoje, de colegas de sua pré-escola, mesmo a continentes de distância.

Daqui a uma década, ao conversar sobre os tempos de escola, é provável que os atuais concluintes do Sabin tenham memórias semelhantes às de Letícia, Camila, Jason e André. Memórias de como o colégio do qual se despedem hoje representa mais do que um lugar de passagem; representa uma base, uma raiz. Um espaço de aprendizados e valores compartilhados, de relacionamentos humanos e sólidos, determinantes para as escolhas futuras – pessoais e profissionais – de cada um.

### No início de 2008, a Revista do Sabin estreava a seção **Faço MAIS**, em que alunos escreviam matérias.

À época, então professor de Judô do Colégio, Paulo Canassa, convidou a judoca Danielle Zangrando – Ouro nos Jogos Pan-Americanos 2007 – para falar aos alunos. Aproveitando a oportunidade, Jason Mathias, aluno da 3ª série do Médio, entrevistou a campeã para a publicação.

“Foi uma experiência que me abriu os olhos para muitas coisas”, diz o ex-aluno. “Anos depois, tornei-me repórter esportivo”. Jason cursou Jornalismo na Unesp (Universidade Estadual Paulista) de Bauru, formando-se em 2013. Pelos dois anos seguintes, foi repórter e apresentador de emissoras afiliadas à Rede Globo no interior de São Paulo. Teve de mudar de cidade por quatro vezes no período. Mas suas viagens estavam apenas começando.

Em 2016, foi um de oito selecionados entre 4 mil candidatos a correspondentes internacionais do SporTV. Como tal, viveu seis meses na Rússia, além de ir à Alemanha, à Islândia, à Suécia e a Portugal, para a cobertura da Eurocopa. Para Jason, ainda não é o bastante. “Espero que a profissão ainda me leve a muitos outros lugares e a conhecer diferentes pessoas. Acho que isso engrandece qualquer um e ajuda a entendermos o mundo além da nossa própria realidade”, diz o repórter, que atribui ao Sabin a “base de conhecimento e a formação como pessoa que me deixaram pronto para viver essas experiências”. E sua próxima experiência acaba de começar. Em novembro, ele mudou-se para a Austrália, para fazer um mestrado em Comunicação e Mídias Digitais.



Jason Mathias, apresentador e repórter esportivo, aluno do Sabin de 2006 a 2008.

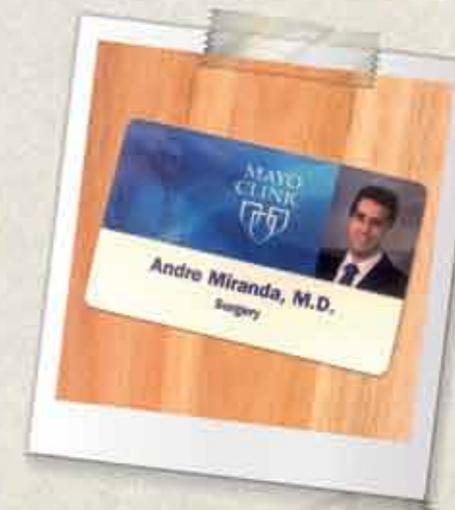


### O Sabin foi a primeira escola de André Miranda.

Que, por sua vez, foi um dos primeiros alunos do Sabin. Em 1994, André fazia parte da turma mais nova da Educação Infantil do Colégio, que acabava de ser inaugurado. Ele e seu irmão mais velho, Thiago, estudariam até a conclusão do Ensino Médio no Colégio. “Foi a base de tudo que aprendi sobre o mundo, sobre estudos, sobre caráter até”, diz André.

Em 2007, André prestou vestibular para Medicina na USP (Universidade de São Paulo), mas não passou. Teve a opção de cursar Administração na FGV (Fundação Getúlio Vargas), que fez por teste, mas estava decidido pela Medicina. “Por um motivo simples: eu queria ter um conhecimento que ajudasse os outros”, diz ele, que lembra de sentir dores de garganta frequentes na infância e de como bastava ao médico examiná-lo por alguns minutos para receitar uma solução. “Não falo nem de cura do câncer; se alguém está sentindo dor, quero poder ajudar”. Da forma como tem conduzido sua carreira, porém, André faz bem mais do que isso.

Tendo entrado na USP na segunda tentativa, formou-se em 2015. No último ano de faculdade, emplacou três estágios clínicos nos Estados Unidos, nas universidades de Harvard, Brown e Kansas. Voltou ao Brasil decidido que tinha mais a aprender nos EUA e, após um ano de estudos, foi aprovado para a residência em cirurgia geral na Mayo Clinic, em Minnesota – atualmente o hospital nº 1 do país, segundo a *U.S. News & World Report*. Eventualmente, retornará ao Brasil, mais pela proximidade da família que por oportunidades profissionais. “Mas, onde estiver, vou fazer o melhor, porque tive a oportunidade de ter o melhor treinamento possível”.



André Miranda, médico residente em cirurgia geral, aluno do Sabin de 1994 a 2007

(nas fotos acima e abaixo, junto a colegas no tempo de colégio e em reencontro da turma).



**Camila Bacellar tem bacharelado em Química pela USP**, ph.D. pela Universidade da Califórnia, em Berkeley, onde vivia até agosto, e hoje realiza sua pesquisa de pós-doutorado na Suíça, usando um dos mais avançados laboratórios de espectroscopia ultrarrápida do mundo para entender o que ocorre na matéria, em nível subatômico, quando submetida a radiações eletromagnéticas.

Em 2003, no entanto, ela ainda era uma aluna no último ano do Ensino Fundamental do Sabin – quando as disciplinas de Química e Física entram no currículo – com um interesse evidente pela Ciência. “Eu ficava animada com as aulas de laboratório, ia para a frente, fazia perguntas”, diz Camila. Para sua então professora de Química, Áurea Bazzi – hoje coordenadora do Ensino Médio –, não havia dúvidas: “Bati os olhos e vi uma cientista nata”.

Áurea tornou-se uma espécie de mentora para a aluna, incentivando Camila a sempre ir mais além nos estudos. “Eu terminava o livro didático e ela me passava outro, com exercícios diferentes”, diz a pesquisadora. Mas não era só Áurea. Para Camila, os demais professores e a atmosfera do Sabin como um todo motivavam os alunos a se esforçarem, criando oportunidades – como as Olimpíadas Acadêmicas, das quais participou – e promovendo um grau de autonomia na forma como cada um conduzia seus estudos. “Se você mostrava que tinha interesse e maturidade, eles confiavam. Se eu faltasse um dia do Módulo, eles sabiam que havia uma boa razão”.

Hoje, Camila segue demonstrando vontade e iniciativa: “Quero ter meu próprio grupo de pesquisa: definir um campo, liderar uma equipe, captar recursos”.

Letícia Mininel, advogada, aluna do Sabin de 1996 a 2006 (ao lado, em foto atual, e abaixo, junto à colega Camila Bacellar, no tempo de colégio).



**Quem ouve Letícia Mininel falar sobre o tempo de escola** tem a impressão de que ela era uma jovem tímida, mais afeita à leitura do que a atividades que a colocassem no centro das atenções, como o Teatro ou o Coral. Tendo maior predileção pelas disciplinas de Humanas, recorda de maneira elogiosa as então professoras do Sabin Lélia Teixeira e Marta Rovai, que lecionavam Literatura e História, respectivamente, além de Denise Masson, de Redação, que ainda hoje insiste para que seus alunos leiam jornais e se mantenham informados.

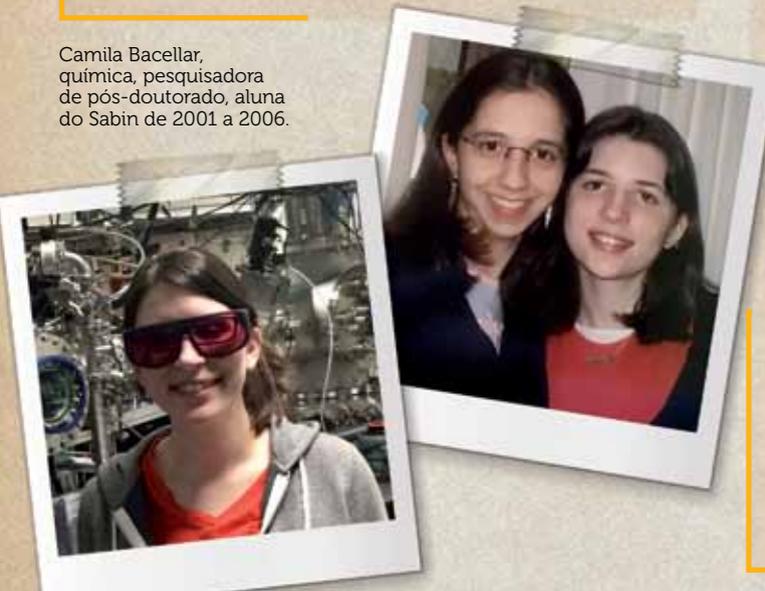
Em 2006, Letícia foi aprovada nos cinco vestibulares de Direito mais concorridos do estado: USP, FGV, Unesp, Mackenzie e PUC (Pontifícia Universidade Católica). Escolheu a primeira, a tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, que no último dia 11 de agosto completou 190 anos.

Em meados de 2011, ano em que se graduou, Letícia foi aprovada no exame da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e iniciou um estágio no escritório de advocacia pelo qual, já no ano seguinte, foi contratada e do qual é sócia desde setembro de 2013. Sem perder seu interesse pela trajetória acadêmica, também em 2013 foi aprovada para ingresso no programa de pós-graduação da São Francisco. Em abril deste ano, alcançou o título de mestre em Direito Civil pela instituição.

Declarando-se apaixonada pela carreira de advogada e demonstrando não lhe faltar desenvoltura argumentativa, aquela aluna tímida, hoje, ressalta que “o contato com o Poder Judiciário exige habilidade, não apenas para expor a causa e convencer o julgador a respeito de seu direito, mas também para cativar a atenção de juízes que lidam com uma quantidade cada vez mais absurda de processos”. Para Letícia, o desenvolvimento dessa aptidão deve-se muito à educação oferecida pelo Sabin, cuja “qualidade e diversidade foram essenciais para minhas conquistas acadêmicas, profissionais e pessoais”.

Declarando-se apaixonada pela carreira de advogada e demonstrando não lhe faltar desenvoltura argumentativa, aquela aluna tímida, hoje, ressalta que “o contato com o Poder Judiciário exige habilidade, não apenas para expor a causa e convencer o julgador a respeito de seu direito, mas também para cativar a atenção de juízes que lidam com uma quantidade cada vez mais absurda de processos”.

Camila Bacellar, química, pesquisadora de pós-doutorado, aluna do Sabin de 2001 a 2006.



+ diagrama

**120**  
horas de Xadrez

É o mínimo de horas-aula que o aluno do Sabin recebe entre o 2º e o 5º ano do Fundamental como componente curricular obrigatório (1 aula por semana).

- + 1 aula/semana: Sabin+Esportes&Cultura (2º ano EF à 3ª série EM)
- + 2 aulas/semana: Equipe de Xadrez do Sabin (participação por indicação)

**21**

campeões brasileiros

Entre alunos e ex-alunos do Sabin. Juntos, somam mais de 30 títulos nacionais.

**XEQUE-MATE**  
Do persa *Shâh-mât*,  
“o rei está morto”.

**Amanda Marques Pereira, aluna de 1998 a 2011**

- Mestre Internacional (Woman FIDE Master)
- Campeã Pan-americana (2006)
- Membro da delegação brasileira na Olimpíada de Xadrez (2010)

**Angélica Tidori Takiguchi, aluna de 2003 a 2013**

- Bicampeã Sul-americana (2007 e 2009)

**400**

É o número de posições possíveis das peças após o primeiro lance (1 movimento de cada jogador). E isso é só o começo.

Movimentos de peça	Posições das peças no tabuleiro (possibilidades)
1	20
2	400
3	5.362
4	71.852

Fonte: <http://mathworld.wolfram.com/Chess.html>

**20 horas + 15 minutos**

Foi a duração da partida de Xadrez mais longa da história, na Sérvia, em 1989. Após 269 lances (538 movimentos de peças), o jogo terminou em empate.

**REGRA “TOCOU-JOGOU”**  
Pensar bem antes de agir: se o jogador toca em uma peça, tem de usá-la no lance.

**Benefícios do Xadrez**

- PERSISTÊNCIA**
- MEMÓRIA**
- CONCENTRAÇÃO**
- RACIOCÍNIO**
- INICIATIVA**
- CONFIANÇA**

# A língua como patrimônio

Para além do conhecimento linguístico, o Espanhol no Sabin é meio de enriquecimento cultural.

Em 1936, um golpe de estado deflagrava uma guerra civil que faria a Espanha arder por três anos e, após vitória dos militares liderados pelo general Francisco Franco, sucumbir a uma ditadura de quase quatro décadas. Na sala de aula do 9º ano do Colégio Albert Sabin, alunos analisam a obra *Guernica*, de Picasso, à luz desse contexto histórico.

Poderia ser uma aula de História ou de Artes, mas à frente da turma está a professora Denise Chammas, de Espanhol. A aula reflete a abordagem adotada no Sabin para o ensino do idioma, que, para além do conhecimento linguístico, serve também como meio de enriquecimento cultural. “Usamos a oportunidade para alimentar o repertório dos alunos”, diz Denise. Assim, a análise do quadro de Picasso – que retrata o bombardeio alemão à cidade espanhola de Guernica, em 1937 – complementa as aulas de História da turma, que, no mesmo ano, estuda a ascensão do fascismo e do nazismo na Europa.

Não se trata, claro, do objetivo principal do curso de Espanhol, oferecido na matriz curricular do 6º ao 9º ano e como opção extracurricular no Ensino Médio. Segundo a professora Valéria Tini, o programa do Sabin é planejado para dar condições ao aluno de obter o DELE (Diploma de Espanhol como Língua Estrangeira) ao concluir o Fundamental. “No 9º ano, a maioria dos alunos já consegue obter o DELE de nível B1”, diz Valéria, referindo-se a um nível de uso já autônomo do idioma. “Se prosseguirem no Ensino Médio, podem chegar ao B2”.

Reconhecido no mundo inteiro como diploma de proficiência em Espanhol nas quatro habilidades comu-

nicativas – leitura, escrita, audição e fala –, o DELE tem validade vitalícia. Num mercado de trabalho em que o Inglês é requisito e um terceiro idioma pode ser o diferencial, Denise argumenta que aproveitar o ensino do Sabin para obter o DELE é investimento vantajoso. “Se há um momento propício para se dedicar a isso, com um pouco mais de tempo, sem as responsabilidades da vida adulta, é este”, diz. Não são poucos os que seguem o conselho da professora: só neste ano, mais 76 novos alunos obtiveram o certificado (de 77 que prestaram o exame em novembro de 2016).

Mas, para além das vantagens pragmáticas do idioma, há uma ampliação da visão de mundo que o Espanhol proporciona. “Quando você aprende uma nova língua, toda uma cultura vem junto”, diz Valéria Tini. Ou, no caso da segunda língua mais falada no planeta, *culturas*.

Daí o cuidado de Valéria e Denise (e de Robson Eduardo Tomaz, que completa o time de professores de Espanhol do Sabin) em apresentar aos alunos as variantes regionais do idioma e as inúmeras festas, artes, comidas e costumes dos países hispanofalantes. Daí, também, a diversidade de recursos – pinturas, filmes, músicas, contos, poemas, folhetos de época – e de dinâmicas de aula (“já pedi para uma turma escrever o roteiro e encenar uma novela mexicana; eles adoraram”, diz Denise) de que as professoras lançam mão para, no processo de ensinar uma nova língua, encantar os alunos com o imenso patrimônio histórico e cultural que o Espanhol tem a oferecer.



## Exercitando valores

Como os princípios do Judô transcendem a luta para se tornar filosofia de vida.

O golpe leva o menino ao chão, derrubando-o com um estrondo. De costas no tatame, um dos braços ainda dominado pelo adversário, o aluno do 5º ano não demonstra mágoa, erguendo-se para enfrentar novamente o colega. “Doeu?”, pergunta o professor Filipe Terada, já sabendo a resposta. Sorrindo, o aluno balança a cabeça em negativa. Logo a cena se repete, com os papéis invertidos: o golpeado consegue arremessar o colega, que demonstra a mesma serenidade ao ser derrubado.

O embate ilustra alguns dos princípios que fazem o judô transcender a categoria de luta e até mesmo de esporte, aproximando-o de um sistema de valores. Uma filosofia de vida, que ensina o indivíduo – literal e metaforicamente – a cair, a se reerguer e a ter profundo respeito pelo adversário. Não faltam razões, portanto, para o judô ser uma das modalidades oferecidas pelo programa Sabin+Esportes&Cultura a alunos a partir do 2º ano do Ensino Fundamental.

Da parte puramente física, o judô é um esporte completo. “No judô, você trabalha o corpo como um todo e em diversos aspectos: força, equilíbrio, flexibilidade”, diz Filipe Terada. Além disso, a abrangência de habilidades psicomotoras exercitadas pelos judocas – arremessar, empurrar, rastejar, rolar, etc. – é potencializada pelo programa do Sabin, que não promove a especialização de atletas antes do 6º ano. “Nos primeiros anos, trabalhamos uma formação de base: o objetivo é apresentar os diversos movimentos do judô a todos os alunos, e não torná-los

judocas mais competitivos”, diz o professor, que passa a orientar alunos a partir dos 11, 12 anos sobre quais golpes seriam mais eficientes para cada um em uma luta.

Esta é outra característica interessante do judô, que Filipe define como um “esporte democrático”: “Com a técnica certa, um lutador vence alguém mais alto ou mais pesado do que ele, porque o judô tem golpes mais favoráveis para cada porte físico”, diz o professor, ele próprio um indivíduo baixinho. “Alguém com mais altura tem maior alavanca de pernas para usar contra mim; mas, se eu aplicar golpes abaixo do centro de gravidade do meu parceiro, eu posso derrubá-lo”.

A palavra “parceiro” para se referir ao oponente sai espontaneamente na fala do professor, reflexo da filosofia ensinada pelo mestre japonês Jigoro Kano (1860-1938), criador do judô. Além de desenvolver uma arte marcial não focada na força bruta – “máxima eficiência com mínimo esforço” é um dos lemas do esporte –, Kano ensinava a ver as adversidades da vida – e os adversários no tatame – como necessários para o crescimento pessoal.

Daí por que, diz Filipe, parte essencial do treinamento do judoca é aprender a cair sem se machucar. E entender que a tradicional saudação ao oponente antes e depois das lutas de judô é um sinal não apenas de respeito, mas também de gratidão. “O judô é um esporte individual no qual eu preciso do outro para aprender. Quando você me derruba, eu aprendo com você”. Lição de vida que, por si só, justifica a inclusão do esporte em um ambiente escolar.



# Nós somos os líquidos

**Zygmunt Bauman, sociólogo polonês, foi o responsável pela formulação de um dos mais importantes conceitos da atualidade, a “modernidade líquida”.** Esta diz respeito à realidade vivida nas sociedades pós-industriais e identifica uma fluidez dos valores, das instituições e dos relacionamentos humanos. Ela difere do tempo que o autor denomina “modernidade sólida”, em que os valores se transformavam lentamente, e as instituições tinham solidez, transmitindo uma sensação de segurança e servindo como modeladoras. Na modernidade sólida, os indivíduos podiam se espelhar, organizar suas visões de mundo e relações interpessoais. Na modernidade líquida, esses modelos perderiam força.

Por esse conceito, acredita-se que essa falta de pontos estáveis de orientação faça com que a nova

geração não saiba articular seus laços afetivos e, por consequência, torne-se cada vez mais individualista e solitária. Em um tempo no qual tudo é efêmero, a criação de laços reais (aspecto essencial para a vida em comunidade) torna-se um desafio. A capacidade de se conectar e, mais importante, de se desconectar dá origem a uma geração que, por um lado, procura desesperadamente afeto e segurança; por outro, teme perder a liberdade e a possibilidade de continuar se movendo em suas redes de relacionamentos.

O mundo virtual surgiu na pós-modernidade com o intuito de conectar os povos, ligando uns aos outros. Entretanto, essa nova tecnologia criou um grande paradoxo; enquanto o avanço científico auxilia indivíduos distantes a manter contato, ele separa os que estão próximos. Vive-se uma era em que as possibilidades trazidas pela internet nos fascina a ponto de perdermos nosso lado humano e pensarmos como máquinas. Deixamos de lado o peso e o significado que a palavra “amor” traz, usando-a em vão. Como resultado, cresce o número de famílias se dissolvendo e de jovens que não acreditam na felicidade em sua forma mais genuína.

Como já dizia Bauman: “Vivemos em tempos líquidos. Nada foi feito para durar”. Nós mesmos somos os líquidos; não mantemos uma forma. Desejamos uma liberdade que não nos garante estabilidade, mas solidão. Amedrontados e cansados do pensamento individualista intrínseco do mundo atual, sentimos-nos inseguros. Tornam-se mais frequentes, em especial entre a nova geração, transtornos psicológicos como a depressão e a ansiedade, fruto de mentes que buscam incessantemente resgatar o valor humano da empatia, do qual nunca deveríamos ter esquecido.



**Luisa Petean, Giullia Reggioli e João Vitor Nechar,** alunos da 2ª série do Ensino Médio.

*A falta de pontos estáveis de orientação faz com que a nova geração não saiba articular laços afetivos.*

# Os benefícios da hiperconectividade

**Entre as décadas de 1970 e 1980, teve início a Terceira Revolução Industrial,** também conhecida como revolução técnico-científica, responsável pelo crescente aumento da produtividade econômica e pela origem de uma nova etapa capitalista. O capitalismo técnico-informacional é promotor de uma integração e de uma aceleração efetiva nas trocas de informação, por meio de redes digitais presentes em todo o globo, formadoras do sistema-mundo. A partir dessa hiperconectividade oferecida pelas redes, certas demandas por acesso à informação, antes reprimidas, tanto na esfera pessoal como na profissional, foram supridas.

O espaço virtual facilitou a comunicação entre os indivíduos ao redor do globo. Dessa forma, possibilitou o diálogo a grupos sociais com interesses semelhantes, como movimentos de defesa cultural ou organizações não governamentais de proteção ambiental, entre vários outros, que passaram a fazer uso de um espaço amplo de expressão, frequentado por uma grande parcela da população mundial – utilizadora de aparelhos eletrônicos –, para a divulgação de eventos e ideias. Nesse sentido, promoveu também a publicação de textos editoriais, documentos históricos, ensaios e teses – material informativo que, se for selecionado pelo público que o acessa, pode fomentar reflexões emancipatórias sobre as estruturas de poder que compõem a sociedade.

No âmbito dos ambientes de trabalho, a implementação das redes comunicativas beneficiou exponencialmente as relações interpessoais e proporcionou a criação de teias conectivas eficientes entre empresas, otimizando o lucro ao baratearem custos e fragmentarem a produção. E, conforme as empresas buscam inte-

grar novos consumidores aos seus produtos, também há a expansão das camadas sociais que podem usufruir das mercadorias de ponta.

Aplicativos como Facebook, YouTube, WhatsApp e Skype se tornaram ferramentas essenciais para a comunicação entre os indivíduos. Além disso, também foram responsáveis pela criação de novos empregos, proporcionando um maior leque de atuação às pessoas no mercado de trabalho. Como exemplo, a ascensão das profissões de *youtuber* e *web designer* vem representando um papel revolucionário no entretenimento mundial. Dessa forma, são evidentes os efeitos positivos e os benefícios gerados pela modernidade.



**Victor Proença, Bruna Albalá e Lucas Pacola Stoppa,** alunos da 3ª série do Ensino Médio.

*O espaço virtual promoveu a publicação de material informativo que, se for selecionado, fomenta reflexões emancipatórias.*

# Uma tarefa de todos

## Ajuda de pais e de parceiros como o Sabin complementa o investimento público na creche Salvador Lo Turco.

**Em março deste ano, quase 90 mil crianças** com até 3 anos de idade estavam na fila de espera por uma vaga nas creches públicas de São Paulo. Para piorar, o déficit revelado pelo levantamento da Prefeitura se mostrava ainda mais problemático ao expor que as filas por vaga são maiores nas regiões mais pobres da cidade. Se construir novas creches para atender tal demanda é necessário, igualmente importante é manter e aprimorar as que já existem e estão em funcionamento. E essa não é uma tarefa apenas para o poder público.

É com esse pensamento que o Sabin oferece apoio ao Centro de Educação Infantil (CEI) Salvador Lo Turco, uma das instituições de ensino e de amparo social para as quais a comunidade do Colégio contribui, como parte de nosso programa de responsabilidade socioambiental. Localizada a 650 metros do Sabin, a creche atende, em período integral, 164 crianças de 1 a 4 anos da comunidade do Jardim D’Abril. Elas passam o dia ali, onde recebem cinco refeições e participam de atividades diversas.

Dispondo de instalações adequadas e espaçosas, o CEI conta com equipe dedicada de educadores e funcionários e com um grupo de pais atuantes, que já demonstraram iniciativa para arregaçar as mangas e contribuir quando necessário. O cobertor financeiro, porém, é curto. Embora o dinheiro da Prefeitura cubra o custeio da creche, é raro sobrar verba para reformas ou para incrementar alguma

atividade prevista no plano pedagógico. É aí que a parceria com o Sabin faz a diferença.

Neste ano, por exemplo, o Colégio encaminhou à creche Salvador Lo Turco ovos de Páscoa, latas de leite em pó, aparelhos de som e televisores, frutos da participação de alunos e famílias no Xadrez de Chocolate e na Festa Junina. “As doações nos ajudam imensamente. E algumas delas são especialmente importantes, porque auxiliam e aprimoram o processo de aprendizagem das crianças”, diz a coordenadora pedagógica Ana Letícia Cubo.

Ela destaca, em especial, duas intervenções. A primeira foi a pintura do muro externo da creche pelo grafiteiro Izu, tendo como base desenhos e garatujas das crianças. “Essa ação tem muito a ver com o projeto pedagógico deste ano, chamado Resignificando Tempos e Espaços”, diz Ana Letícia. “A pintura deu outra visão à escola, logo a partir da entrada. Ela ficou mais aconchegante, e os pais e alunos se sentiram valorizados”. *(Izu executou ações semelhantes nas escolas Oscar Pedrosa Horta e Conde Luiz Eduardo Matarazzo, também apoiadas pelo Sabin, como registrado em edições anteriores desta Revista.)*

A outra ação ressaltada pela coordenadora teve como base a doação das chamadas “Bonecas de Inclusão”, brinquedos que retratam crianças negras, albinas, ruivas, cadeirantes, doentes de câncer, entre outras representações que, segundo Ana Letícia, “nos ajudaram a trabalhar, de forma lúdica, noções sobre diferença e respeito”.



**CEI Salvador Lo Turco**

Rua Eusébio de Paula Marcondes, 60, Jd. D’Abril  
São Paulo – SP – (11) 3782.3791